

# A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ

PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

ANO IV — Número 1.051

Redacção, Administração e Tipografia

Calçada do Combro, 38-A, 2.º Lisboa — PORTUGAL

Quarta-feira, 26 de Abril de 1922

Endereço telegráfico: Talhada-Lisboa. Telefones 5339-4

PREÇO \$10 CENTAVOS

Oficinas de impressão: Rua da Atalaia, 114 e 115

Editor principal — ALEXANDRE VIEIRA  
Propriedade da Confederação Geral do Trabalho  
Editor — Carlos Maria Coelho

## A propósito da última greve

A ação dos revolucionários conscientes deve ser exercida sobre as massas — Do seu maior ou menor grau de consciência revolucionária é que depende a ação dos militantes nos organismos sindicais

Com que direito se impuseram esses elementos para se tomarem resoluções que só os sindicatos ou os seus delegados poderiam tomar? — perguntavam-nos ontem, ao terminarmos o editorial, em que a última greve era tratada.

Com efeito, a interferência de indivíduos que não são delegados (um nem sequer é operário, nem assalariado) antes de os delegados se reunirem, assim como o oferecimento que fizeram no decorrer da reunião, podem não ser tomados como feitos com má intenção. Acreditamos que fossem gestos voluntários, determinados por um sentimentalismo exacerbado, em virtude dos factos que no momento influiram poderosamente.

Mas, com que direito foi essa imposição feita, repetimos? Poder-se-há explicar essa intervenção, alegando-se necessidades imperiosas de ação no momento, justificadas no receio de que a passionalidade dos delegados não deixasse levar por diante um gesto rápido. Poder-se-há ainda alegar que são as minorias revolucionárias que se impõem às maioria para que estas se agitem e realizem os actos necessários ao triunfo dum acautelamento que é certo.

A primeira vista parece que isto está certo. Mas não está, e vamos explicar as razões. No primeiro caso estaria certo se as classes estivessem convenientemente agitadas e preparadas para corresponderem a um movimento rápido. Se assim acontecesse e fossem depois os delegados que evitassem a eclosão do movimento, por cobardia, por temerem as responsabilidades dum movimento que dependesse da sua orientação, então haveria o direito de as massas ou as minorias revolucionárias da cada classe levarem a efeito o movimento que os representantes da cada classe não tivessem corajosamente lan-

O segundo caso — a ação das minorias revolucionárias — é então que se poderia verificar. Mas, neste caso, como no anterior, verifica-se o que constatamos já num dos primeiros artigos: a ação daqueles revolucionários esteve e está inteiramente deslocada e é esse o seu principal erro — erro que traz a divisão entre os militantes, a desorientação das massas, o enfraquecimento dos sindicatos, e, consequentemente, um aumento da força para o patronato.

Os factos posteriores à proclamação da greve foram disso a melhor demonstração. A Batalha foi, é certo, impedida de publicar-se, não podendo tornar conhecida a declaração da greve; foram aprofundadas milhares de proclamações, já impressas, que não podem ser distribuídas para tornar conhecida a resolução tomada. Mas também é certo que quase todos os jornais tornaram conhecida a resolução tomada. E se, de facto, as classes operárias sentissem a vontade de acompanhar o movimento — ou não chegavam a entrar nas fábricas e oficinas, ou se já tinham entrado mas que depois conheciam a resolução tomada, imediatamente abandonaram o trabalho, correspondendo assim a uma justíssima resolução colectiva, tanto mais que os motivos que determinavam o movimento eram dos que mais e melhor podiam influir numa ação imediata.

Mas — dirão — o operariado, a massa não está suficientemente educada para se pronunciar automaticamente e espontaneamente; tem que haver alguém que a force a agir. Perfeitamente. Isso é o produto da própria experiência de longos anos de luta. Mas é exactamente por isso que esses revolucionários, ao intervirem nas decisões da U. S. O., deram as mais inequívocas provas de falta de previsão

da natureza da ação que determinou esta apreciação. Para isso há que rectificar a tática, sob todos os pontos de vista errada, que em certo modo tem por muitos sido seguida nestes últimos tempos.

Como contrário os militantes ver-se-hão isolados, sob a tirania dos governos e o abandono das massas. Recordemo-nos que o mo-

## A conferência de Génova

### RÚSSIA E ALEMANHA

Vivendo um pouco a vida do ermitaño, sobre a costa bretã, não sofrendo a mínima influência das paixões tan intensas nos meios políticos, quer estas sejam o efeito de ideologias ou de interesses materiais, na maioria dos casos não vejo os factos e as suas consequências como os que vivem nestes meios.

O meu afastamento do lugar em que os homens se agem produz em mim o mesmo efeito que o recuo dos tempos no historiador.

Vejo o conjunto e não os detalhes. As árvores não me impõem de ver a floresta.

Ou por outra: é esta que eu vejo melhor do que aquelas.

Desde julho de 1914 que por diversas vezes tenho constatado este facto. E mais uma vez o constato a propósito da Rússia e da conferência de Génova.

Não compartilho por completo a opinião dos que julgam que a Rússia chegou ao extremo, e de que «a todo o custo» necessita fazer um acordo com as potências capitalistas do Ocidente.

Para mim, é um erro completo supor que ela se verá forçada a passar por todos os caminhos por onde a queremos conduzir os capitalistas.

A verdade é esta: a Rússia é senhora da situação. A Rússia é a chave da conferência de Génova.

A reconstrução económica da Europa, e até do mundo, não se pode fazer pondo a Rússia de parte. E os seus dirigentes bem o sabem. E é por o saberem muito bem que eles procedem como procedem.

Os dirigentes bolcheviques russos nada tem a perder se a conferência fracassar. Se a reconstrução económica se não operar, se o caos económico e financeiro continuar e se intensificar.

No pior dos casos, o que lhes pode acontecer? E à Rússia? Um acréscimo das condições actuais, isto é, de miséria, de fome, e portanto, de epidemias e de mortalidade. Este acréscimo atingirá o seu ponto culminante.

Fomes e epidemias, não de diminuir e extinguirem-se por si. A vida, mais forte do que a morte, retornará em curso entre os povos russos, certamente diminuídos em números.

Mas numa ou duas gerações, a população terá recuperado as suas perdas. E as desgraças dos anos passados serão um simples recordação. E quanto aos governantes bolcheviques, estes manter-seão continuando por meios variados, segundo as circunstâncias, a transformar socialmente o antigo império dos czares.

No pior dos casos, eis o que pode resultar da exclusão dos russos da conferência de Génova. Outra, completamente diferente, é a situação dos capitalistas ocidentais. Estes necessitam, para se salvar da ruína, restabelecer no mundo a estabilidade económica e financeira.

A Rússia, que ocupa um território imenso, com consideráveis riquezas em matérias primas — o petróleo, por exemplo — cuja política fortemente influiu em todo o continente asiático, do Mediterrâneo ao Mar da China, e do Oceano Glacial ao Oceano Índico, é indispensável a esta estabilidade.

Se a Rússia for excluída da reconstrução económica europeia, a felicidade da Alemanha será inevitável num prazo de tempo mais ou menos curto.

A falência da Alemanha é o marco-papel baixando cada vez mais e tendendo para zero. Mas a baixa do marco-papel é a necessidade de elevar os salários, os vencimentos dos funcionários, as pensões dos reformados, porque o poder de compra do marco será ainda menor.

Desta situação económica deriva toda uma série de consequências de ordem social: perturbações, tumultos, e talvez que a revolução mais ou menos comunista, que certamente atingirá a França, onde a situação piorará em virtude da falência germânica.

Por aqui se vê o interesse que os capitalistas ocidentais tem no êxito da conferência de Génova. Certos dirigentes, como os da Grã-Bretanha e os da Itália, isto sentiriam por uma forma aguda.

Eis o que explica que, após tam grande barulho em volta do tratado germano-russo de Rapallo, os dirigentes capitalistas ocidentais tivessem terminado por dirigirem

uma «carta colectiva» à delegação alemã. A montanha pariu um rato.

O tratado de Rapallo fez um efeito dum pedra num charco com rãs. Não se trata, na verdade, senão de um tratado de comércio, mas imediatamente todos o encaram como um preliminar de um tratado de aliança. Este tratado contém, além disso, uma cláusula que é uma ligação para os dirigentes capitalistas. Refiro-me à cláusula, segundo a qual russos e alemães passam uma esponja sobre o passado, perdoando todas as dívidas e todas as indemnizações.

Por esta forma, limpo o terreno, pode então pensar-se na reconstrução. A ligação é forte. Mas sia por certo que não será nem admitida pelos grandes capitalistas, banqueiros, etc., que estão em Génova para darem ordens aos seus caixeiros, os governantes.

O tratado germano-russo, pondo de parte todas as reclamações de indemnização pelo conflito dos bens particulares, violam um princípio sem o qual não há moralidade pública ou privada», escreve gravemente *Le Temps*. De onde se pode concluir que em França não existe nem moralidade pública, nem moralidade privada, visto que os franceses confiscaram em «épocas» diversas a propriedade nobre e a propriedade eclesiástica regular.

Os actuais dirigentes franceses são os ferozes sustentáculos da moralidade e do Direito ofendido. E por isso rechazam a anulação pura e simples do tratado germano-russo, com o pretexto de que este viola a ação de Versailles.

A delegação italiana opõe-se com o apoio de todos as outras delegações, utilizando com muita habilidade uma questão de processo: A discussão a anulação deste tratado pela conferência traria necessariamente, como consequência, a discussão do tratado de Versalles e das reparações, o que a França não deseja. O argumento não tinha réplica e o sr. Barthou viu-se forçado a inclinar-se. A questão da validade do tratado foi remetida à comissão das reparações. Esta poderá pedir a sua anulação à Alemanha.

E de duas coisas uma ou a Alemanha o anula ou não o anula. Se o anula, nem por isso ficará anulado o seu espírito, e como dito em *Le Temps*, «o seu espírito é muito mais perigoso». Se não o anula, os dirigentes franceses, mantendo sempre o seu objectivo político de se apoderarem do Rhin, exigirão sanções contra a Alemanha. Que fará neste caso os outros membros da Entente? O que fará a Rússia?

A posição destas últimas é esplêndida. Todo o mundo está de acordo em reconhecer que, no ponto de vista defensivo, a Rússia é extremamente forte.

O ponto de vista ofensivo, o seu poder é, sem dúvida, um pouco menor, mas não muito. Devemos recordar que ela é aliada da Turquia, ainda em guerra contra o Oriente, ocupada em sublevar o mundo muçulmano; que ela tem tratados de comércio e que está reconhecida juridicamente pela Pequena Entente do Norte, inclusivamente pelo Polónia. Esta, no seu próprio interesse, deve caminhar de acordo com a Rússia para não ser triturada pelo tório Russo-Alemão. E será esmagada, porque a França está muito longe para auxiliar com os seus exércitos. E além disso seria necessário mobilizar o povo francês e parecer-me que os amigos polacos haviam de se opor muito a esta partida, e tanto que esta mobilização se não faria.

O golpe foi bem dado. Decididamente, os dirigentes da Entente são muito fracos comparados com os da Rússia. Pretem governar o mundo, enquanto que presentemente a cana de leme está nas mãos dos russos-alemanes.

Dos confins do mar da China ao Reno, há presentemente uma aliança dos povos. Os seus chefes não estão em Berlim, mas sim em Moscou. Estes sabem o que querem. Conhecem os seus fins. E com maleabilidade sabem, segundo as circunstâncias adaptarem os seus meios.

O tratado de Rapallo é mais um passo para o objectivo final: a Revolução Mundial!

Um sem-vergonha

### A CAMINHO DA SOLUÇÃO

#### (FRAGMENTOS)

Sem o trabalho não há vida possível. A ociosidade é um privilégio — direi mesmo o mais odioso dos privilégios — que deve ser abolido, inteiramente e sem nenhuma consideração, para todo o homem válido.

Alguns camaradas socialistas, anarquistas, sindicalistas tem dito mui conscienciosamente que, vulgarizando o emprego das máquinas, se podia chegar a não trabalhar mais que duas horas por dia. Singular ideal! A solução não está nisto. Sustentando essa teoria cometem um erro dos mais perigosos.

O trabalho possui a virtude de moralizar as faculdades do individuo; de engendar os maiores disparates para atacar a organização e as classes operárias. Arma é amiga... de Pequim e com o desplante mais imbecil, sem consideração alguma para com a honestidade de processos de combate, inventa resoluções só para ter ensejo de criar atmosferas de perseguição e de vingança.

Não é que tenhamos receio das suas artes de saloio velhaco e ardiloso, mas bolemos nos os nervos tanta miséria moral, tanta intriga e chantagem com organismos cuja ação e funcionamento o imbecil desconhece.

Não lhe recomendamos mais moralidade de processos. A baixesa de caráter deve constituir o seu todo moral. E com estas criaturas nada se pode tratar.

Lutou, é assassinado de A BATALHA? Não? pois devés assassiná-la para auxiliá-la a sua obra de propaganda das ideias que se são utiles.

vimento sindicalista é um movimento de massas organizadas, com organismos próprios, autónomos e responsáveis e não um movimento de indivíduos isolados — por muito que seja a sua vontade de achar.

A transformação mental dos povos, se tivesse no ponto de vista social a importância que se pretende, não podia efectuar-se, dadas as preocupações, as

inquietações que absorvem todos os pensamentos do indivíduo.

O obstáculo à transformação da sociedade tem um carácter nitidamente económico. Tratemos de derribá-lo, para nos ocuparmos a seguir, com a mais completa liberdade de espírito, em desenvolver a nossa mentalidade e em realizar um ideal, cada um segundo as suas concepções.

Enquanto houver luta económica, não vale de nada falar de ideal. O ideal de liberdade e justiça só poderá realizar-se à sombra da igualdade social, cuja base é o trabalho obrigatório para todos os homens. Os militares devem, pois, abandonar as abstracções em que atuam se tem perdido e aplicar-se exclusivamente à realização dessa igualdade social.

Algumas camaradas socialistas, anarquistas, sindicalistas tem dito mui conscienciosamente que, vulgarizando o emprego das máquinas, se podia chegar a não trabalhar mais que duas horas por dia. Singular ideal! A solução não está nisto. Sustentando essa teoria cometem um erro dos mais perigosos.

O trabalho possui a virtude de moralizar as faculdades do individuo; de engendar os maiores disparates para atacar a organização e as classes operárias. Arma é amiga... de Pequim e com o desplante mais imbecil, sem consideração alguma para com a honestidade de processos de combate, inventa resoluções só para ter ensejo de criar atmosferas de perseguição e de vingança.

Não é que tenhamos receio das suas artes de saloio velhaco e ardiloso, mas bolemos nos os nervos tanta miséria moral, tanta intriga e chantagem com organismos cuja ação e funcionamento o imbecil desconhece.

Não lhe recomendamos mais moralidade de processos. A baixesa de caráter deve constituir o seu todo moral. E com estas criaturas nada se pode tratar.

Sem querer diminuir a importância do saber, não é necessário ter absorvido O Capital ou a obra de Proudhon, estar empanturrado de filosofia antiga ou moderna, de ciência e de arte, para ser um homem de amanhã. Importa muito menos, sob esse ponto de vista, ser um intelectual que um homem honesto.

Sacco sofre, na prisão, o peso da autoridade do feroz carcereiro. Ele encontra-se entre quatro maciças paredes de cimento, com os pés semi-gelados, e o frio a tolher-lhe todos os nervos, dormindo numa tarimba, dia e noite mergulhado na escuridão quase absoluta.

Sacco contava a alguém: «Quiz algumas vezes falar a qualquer autoridade, e cruelmente respondem-me assim: Vai-te para a tua cela e mete-te contigo, se não queres passares para outras.

Vanzetti é mais considerado, mas não significa que seja menos digno. Ele é dum temperamento indomável, é tratado menos duramente que Sacco, porque se dispõe sempre a aturar menos que este último.

A burguesia americana já comprehende que impunemente não executará Sacco e Vanzetti; é necessário que uma mais forte agitação de todo o proletariado mundial apresse a libertação dos dois mártires.

A viagem aérea ao Rio de Janeiro, que deveria servir para brilhantes lições de ciência e de vontade individual ao serviço do progresso humano, está sendo utilizada para exibicionismos patrióticos e caritativos de quem anda sempre bem jantado. Esta exibição doente não constituirá a negação moral dum feito que se impõe pela sua grandesa desinteressada e dignificadora, e que, por isso mesmo, afasta toda a ideia de baixa especulação?...

## PELOS FAMINTOS RUSSOS

## ESTADO DE GUERRA!

### A Rússia mártir

Estamos completamente iludidos, estupidamente iludidos, se imaginamos que a monstruosa guerra que explodiu em 1914 já acabou! Não Esta não acabou, não acabará sem que os homens do Trabalho e da Paz — a verdadeira força viva do mundo, os seus únicos salvadores — apeiem a Reconstrução produtiva e usurpadora, feroz e insaciável, e tomem conta dos destinos da Humanidade.

Veja-se, analise-se o que se tem passado desde as festas comemorativas do famigerado armistício, e verifique-se o quanto se tem feito para provar que a guerra é uma calamidade.

Hoje, só um socorro imediato pode ainda atenuar as catástrofes monstrosas de que a Rússia é vítima, como a humana internal repercussão da pavorosa guerra. Acima dos governos inimigos

## LISBOA DE HOJE

## A Rua Garrett

Lisboa é uma cidade de lixo e paradoxos. Lixo nas almas e nas ruas, paradoxo na tragédia e na comédia...

Um dos paradoxos desta cidade de 600.000 scrs humanos é a sua tragédia e a sua comédia poderem ser resumidas e condensadas numa rua. Basta uma hora paciente que nos permita parar o olhar os que não param, para que a Lisboa seja palpada, adivinhada, compreendida, cinematografada com os olhos, com o coração e com o espírito. Este paradoxo, que é resumir a vida de 600.000 vidas numa rua, presencia-se numa artéria, toda paradoxo.

Pois a rua Garrett, com o luxo armazacado parisense dos seus armazéns de modas, com o seu café intelectual e sonolento, com as suas igrejas mundanas e católicas, com os seus clubs elegantes e snobs, com a Trianon, perdendo as elegâncias que a frequentem, não é uma artéria aristocrática e intelectual, pretenciosa e híta, no seu protesto ativo contra analfabetos e contra os pobres? E contudo é essa rua que pretende ser pertença e logradouro, vitrine e jaula dumna élite que resume toda a Lisboa, por onde passa a comédia de toda a gente e a tragédia de toda a gente. A tragédia que se desmuda em farrapos, a tragédia que se ironiza em pelícias, a comédia dos que mantêm uma reputação feita artificialmente pelos jornais, a comédia dos que supõem iludir o semelhante e, no fim de contas, apenas se iludem a si mesmo. Na rua Garrett, desfila a Lisboa do luxo, dos farrapos, da finança, do jornalismo, do trabalho, da aristocracia, da preguiça, do debocho e da virtude. Passa nela o exército, a Santa Madre Igreja, a nobreza, a burguesia e o operariado.

Todas as convicções políticas, desde a monarquia nova, integral, sindicalista, anil-parlamentar, lusitaniana e afrancesada até aos néo-comunistas, emigrados do sindicalismo e do anarquismo, por elas transitam. A ordem passa ruidosamente nas quatro patas dos cavalos da G. N. R. e a revolução social, em aspiração e fermentação perpetuas, sobre e desse essa artéria orgulhosa que flinga não pela invasão.

Passa o sr. Alfredo Pimenta com o seu livro das "Quimeras", a sua alma química, a sua vida química, a sua química fé monárquica e católica e a sua elegância infinitamente química. Ele

Cristiano LIMA.

## U. S. O.

## Conselho de Delegados

Reúne geral, pelas 20 horas, o conselho de delegados a este organismo com a ordem de trabalhos que devia ser tratada na última reunião e que se não realizou por falta de número.

Devido à importância dos assuntos a tratar e ser inadiável apreciar também os trabalhos a realizar para a comemoração do 1.º de Maio, é necessária a comparação de todos os delegados, e porque, por deliberação do conselho, ficou sem efeito a anterior resolução que habilitava o mesmo a resolver com qualquer número.

Foi tirada uma votação a favor do pessoal demitido da Carris, que rendeu 14:40.

## Classes que reclamam

## Soldadores de Almada

ALMADA, 25 — Os operários soldadores neste concelho apresentaram aos industriais de conservas a reclamação na última reunião e que se não realizou por falta de número.

Em cada cento de latas mais \$60, e em trabalho por conta da casa ou seja de jornal \$85 cada hora.

Os respectivos industriais, estão-se fazendo esquisitos, dizendo todos que dão mas que nem quer ser o primeiro. Neste caso os operários são obrigados a ir para a luta, e por isso pedem a todos os seus camaradas dentro localidades que para aqui não vêm trabalhar, enquanto as suas reclamações não sejam atendidas. — C.

Secção dos Mecânicos em Madeira

Realiza-se hoje, pelas 21 horas, uma assembleia geral desta secção para resolver sobre as reclamações de aumento de salário a apresentar ao patronato, tendo convenientemente a comparação de todos os sócios e não sócios.

A assembleia efectua-se na Calçada do Combro, 38, A, 2º.

Secção Profissional dos Pintores

Reuniu em sessão magna para reclamar melhoria de situação ao patronato a apreciar o parecer da comissão sendo resolvido baixar a comissão de melhoramentos.

Seção Profissional dos serventes

Reuniu esta secção, em assembleia geral, para tratar das reclamações a fazer ao patronato, sendo aprovada uma proposta reclamando, 9\$00, para todos os serventes, resolvendo-se efectuar sessões de propaganda em todos as secções sindicais.

Manufactores de Calçado

Para tomarem conhecimento da nova tabela a apresentar aos industriais, reunem hoje, pelas 21 horas, todos os operários fabricantes de calçado de ambos os sexos, na sede da associação de classe, rua Arco Marques de Alegrete, 30, 2º.

**A BATALHA**

Barreiro vende-se na leitoria Lá Vai / Rua Joaquim António de Aguiar

TEATRO DE S. LUIS  
HOJE • HOJE  
A força de André Brun e Carlos Simões, musicada por Pedro Bianchi  
**A LEGENDA DOS TRABALHADORES**  
O maior êxito dos últimos tempos! Magistral desempenho de todos a companhia

## A VIAGEM AÉREA

## Lisboa-Rio de Janeiro

Os oficiais técnicos que foram a Leixões ver se o navio brasileiro "Bagé" possuía as necessárias condições para transportar o hidro-avião, comunicaram telegraficamente ao ministro da marinha que o navio podia levar o aparelho e que o comandante mandara desmanchar várias coisas a bordo, afim de hidro-avião ir melhor acondicionado, informando também que o comandante do "Bagé", que é capitão de mar e guerra da marinha brasileira, lhes ofereceu a bordo um jantar onde foram trocados vários brindes.

O ministro da marinha, depois de ouvir a opinião dos referidos técnicos e do pessoal da aeronáutica naval, resolveu, de acordo com essas entidades, que o hidro-avião fosse transportado por aquele navio para os Penedos de S. Pedro e S. Paulo, aceitando assim a oferta feita pelos agentes do referido navio.

O "Bagé", que largou ontem de tarde de Leixões para Lisboa, chega hoje às 7 horas ao Tejo, devendo chegar à noite, fazendo escala pela Madeira.

A seu bordo seguem o 1.º tenente piloto aviador sr. Ortlins Bettencourt, o 1.º tenente engenheiro maquinista, especializado em aeronáutica naval, sr. José Augusto Marques, o 1.º sargento carpinteiro Joaquim de Sousa Capeta, 2.º sargento de manobra Francisco Raimundo, 1.º marinheiro João Gomes Nortadas Junior, 2.º Enrique Luis Borges da Gama, e o 1.º grumete João Rebe, todos pertencentes à aviação marítima, afim de acompanham o hidroavião e proceder nos Penedos às necessárias manobras para o seu lançamento.

Foi mandada regressar a Lisboa a camionete "Bengó", vindos também já de regresso ao Tejo o "Aviso 5 de Outubro".

No ministério da marinha tem continuado a receber-se grande número de telegramas das câmaras municipais de fados e de várias entidades enviando felicitações pela viagem aérea.

No Comissariado dos Abastecimentos tem continuado a ser feita a distribuição do bodo que os funcionários do referido estabelecimento promoveram comemorando o feito dos dois ilustres aviadores.

Os restantes contemplados devem apresentar-se no Comissariado para levantar os gêneros que lhes foram distribuídos, afim de evitar que alguns deles se deteriorem.

Porém, tal não produzirá!

Este punhado de lutadores tem conseguido a força da razão. Serenamente, mas sem cobardia, esta luta continuará, pois connosco temos todos os elementos de garantia da vitória, mais fortalecidos agora pela loura patronal que, ao mesmo tempo que lança mão de actos ignóbil como o acima citado, dá ao público falsos comunicados

sobre o estado presente deste conflito. Assim, na grande imprensa, eis aí veem metendo os pés pelas mãos, anunciamendo em grandes caracteres o lock-out, ao mesmo tempo que... as autoridades garantem a liberdade de trabalho.

Na sua lura de mentir, veem de afirmar que os grevistas lock-outados são em número de 2.000 e que os mesmos se foram queixar ao governo civil de que os patrões não os queriam já readmitir, nem mesmo pelo salário antigo.

Para lançar tais patanhas é preciso ser descarado!

Os operários actuam em greve, ou antes, absolutamente sem trabalho, não são tantos como estes cavalheiros afirmam.

Já temos afirmado: Só voltaremos as oficinas com o aumento reclamado e sem que para tal recorrermos à intervenção de terceiros, visto que esta luta é simplesmente entre operários e patrões.

Não nos aternizam—antes pelo contrário—esse simulacro de lock-out, em que os lojistas vendem móveis a oculares, ou então, para fazerem o seu negocinho, depois de imporem o encerramento aos outros, se abocanham com a venda de papéis pintados e outras artimanhas. Tam pouco nos preocupa o facto de os lojistas terem imposto aos industriais—que não perderam tudo—produzindo—a condição de abandonarem as suas oficinas, pois que esse facto é concorrente para uma maior abundância de trabalho quando a greve final. E, tam interessante, é esta luta, que a nossa vitória vai interessar seriamente aos nossos adversários. Que o ponderem: Acetando a prior das hipóteses, aliás inadmissíveis, de sermos derrotados, aliás dos nossos patrões.

Para lançar tais patanhas é preciso ser descarado!

Os operários actuam em greve, ou antes, absolutamente sem trabalho, não são tantos como estes cavalheiros afirmam.

Já temos afirmado: Só voltaremos as oficinas com o aumento reclamado e sem que para tal recorrermos à intervenção de terceiros, visto que esta luta é simplesmente entre operários e patrões.

Não nos aternizam—antes pelo contrário—esse simulacro de lock-out, em que os lojistas vendem móveis a oculares, ou então, para fazerem o seu negocinho, depois de imporem o encerramento aos outros, se abocanham com a venda de papéis pintados e outras artimanhas. Tam pouco nos preocupa o facto de os lojistas terem imposto aos industriais—que não perderam tudo—produzindo—a condição de abandonarem as suas oficinas, pois que esse facto é concorrente para uma maior abundância de trabalho quando a greve final. E, tam interessante, é esta luta, que a nossa vitória vai interessar seriamente aos nossos adversários. Que o ponderem: Acetando a prior das hipóteses, aliás inadmissíveis, de sermos derrotados, aliás dos nossos patrões.

Para lançar tais patanhas é preciso ser descarado!

Os operários actuam em greve, ou antes, absolutamente sem trabalho, não são tantos como estes cavalheiros afirmam.

Já temos afirmado: Só voltaremos as oficinas com o aumento reclamado e sem que para tal recorrermos à intervenção de terceiros, visto que esta luta é simplesmente entre operários e patrões.

Não nos aternizam—antes pelo contrário—esse simulacro de lock-out, em que os lojistas vendem móveis a oculares, ou então, para fazerem o seu negocinho, depois de imporem o encerramento aos outros, se abocanham com a venda de papéis pintados e outras artimanhas. Tam pouco nos preocupa o facto de os lojistas terem imposto aos industriais—que não perderam tudo—produzindo—a condição de abandonarem as suas oficinas, pois que esse facto é concorrente para uma maior abundância de trabalho quando a greve final. E, tam interessante, é esta luta, que a nossa vitória vai interessar seriamente aos nossos adversários. Que o ponderem: Acetando a prior das hipóteses, aliás inadmissíveis, de sermos derrotados, aliás dos nossos patrões.

Para lançar tais patanhas é preciso ser descarado!

Os operários actuam em greve, ou antes, absolutamente sem trabalho, não são tantos como estes cavalheiros afirmam.

Já temos afirmado: Só voltaremos as oficinas com o aumento reclamado e sem que para tal recorrermos à intervenção de terceiros, visto que esta luta é simplesmente entre operários e patrões.

Não nos aternizam—antes pelo contrário—esse simulacro de lock-out, em que os lojistas vendem móveis a oculares, ou então, para fazerem o seu negocinho, depois de imporem o encerramento aos outros, se abocanham com a venda de papéis pintados e outras artimanhas. Tam pouco nos preocupa o facto de os lojistas terem imposto aos industriais—que não perderam tudo—produzindo—a condição de abandonarem as suas oficinas, pois que esse facto é concorrente para uma maior abundância de trabalho quando a greve final. E, tam interessante, é esta luta, que a nossa vitória vai interessar seriamente aos nossos adversários. Que o ponderem: Acetando a prior das hipóteses, aliás inadmissíveis, de sermos derrotados, aliás dos nossos patrões.

Para lançar tais patanhas é preciso ser descarado!

Os operários actuam em greve, ou antes, absolutamente sem trabalho, não são tantos como estes cavalheiros afirmam.

Já temos afirmado: Só voltaremos as oficinas com o aumento reclamado e sem que para tal recorrermos à intervenção de terceiros, visto que esta luta é simplesmente entre operários e patrões.

Não nos aternizam—antes pelo contrário—esse simulacro de lock-out, em que os lojistas vendem móveis a oculares, ou então, para fazerem o seu negocinho, depois de imporem o encerramento aos outros, se abocanham com a venda de papéis pintados e outras artimanhas. Tam pouco nos preocupa o facto de os lojistas terem imposto aos industriais—que não perderam tudo—produzindo—a condição de abandonarem as suas oficinas, pois que esse facto é concorrente para uma maior abundância de trabalho quando a greve final. E, tam interessante, é esta luta, que a nossa vitória vai interessar seriamente aos nossos adversários. Que o ponderem: Acetando a prior das hipóteses, aliás inadmissíveis, de sermos derrotados, aliás dos nossos patrões.

Para lançar tais patanhas é preciso ser descarado!

Os operários actuam em greve, ou antes, absolutamente sem trabalho, não são tantos como estes cavalheiros afirmam.

Já temos afirmado: Só voltaremos as oficinas com o aumento reclamado e sem que para tal recorrermos à intervenção de terceiros, visto que esta luta é simplesmente entre operários e patrões.

Não nos aternizam—antes pelo contrário—esse simulacro de lock-out, em que os lojistas vendem móveis a oculares, ou então, para fazerem o seu negocinho, depois de imporem o encerramento aos outros, se abocanham com a venda de papéis pintados e outras artimanhas. Tam pouco nos preocupa o facto de os lojistas terem imposto aos industriais—que não perderam tudo—produzindo—a condição de abandonarem as suas oficinas, pois que esse facto é concorrente para uma maior abundância de trabalho quando a greve final. E, tam interessante, é esta luta, que a nossa vitória vai interessar seriamente aos nossos adversários. Que o ponderem: Acetando a prior das hipóteses, aliás inadmissíveis, de sermos derrotados, aliás dos nossos patrões.

Para lançar tais patanhas é preciso ser descarado!

Os operários actuam em greve, ou antes, absolutamente sem trabalho, não são tantos como estes cavalheiros afirmam.

Já temos afirmado: Só voltaremos as oficinas com o aumento reclamado e sem que para tal recorrermos à intervenção de terceiros, visto que esta luta é simplesmente entre operários e patrões.

Não nos aternizam—antes pelo contrário—esse simulacro de lock-out, em que os lojistas vendem móveis a oculares, ou então, para fazerem o seu negocinho, depois de imporem o encerramento aos outros, se abocanham com a venda de papéis pintados e outras artimanhas. Tam pouco nos preocupa o facto de os lojistas terem imposto aos industriais—que não perderam tudo—produzindo—a condição de abandonarem as suas oficinas, pois que esse facto é concorrente para uma maior abundância de trabalho quando a greve final. E, tam interessante, é esta luta, que a nossa vitória vai interessar seriamente aos nossos adversários. Que o ponderem: Acetando a prior das hipóteses, aliás inadmissíveis, de sermos derrotados, aliás dos nossos patrões.

Para lançar tais patanhas é preciso ser descarado!

Os operários actuam em greve, ou antes, absolutamente sem trabalho, não são tantos como estes cavalheiros afirmam.

Já temos afirmado: Só voltaremos as oficinas com o aumento reclamado e sem que para tal recorrermos à intervenção de terceiros, visto que esta luta é simplesmente entre operários e patrões.

Não nos aternizam—antes pelo contrário—esse simulacro de lock-out, em que os lojistas vendem móveis a oculares, ou então, para fazerem o seu negocinho, depois de imporem o encerramento aos outros, se abocanham com a venda de papéis pintados e outras artimanhas. Tam pouco nos preocupa o facto de os lojistas terem imposto aos industriais—que não perderam tudo—produzindo—a condição de abandonarem as suas oficinas, pois que esse facto é concorrente para uma maior abundância de trabalho quando a greve final. E, tam interessante, é esta luta, que a nossa vitória vai interessar seriamente aos nossos adversários. Que o ponderem: Acetando a prior das hipóteses, aliás inadmissíveis, de sermos derrotados, aliás dos nossos patrões.

Para lançar tais patanhas é preciso ser descarado!

Os operários actuam em greve, ou antes, absolutamente sem trabalho, não são tantos como estes cavalheiros afirmam.

Já temos afirmado: Só voltaremos as oficinas com o aumento reclamado e sem que para tal recorrermos à intervenção de terceiros, visto que esta luta é simplesmente entre operários e patrões.

Não nos aternizam—antes pelo contrário—esse simulacro de lock-out, em que os lojistas vendem móveis a oculares, ou então, para fazerem o seu negocinho, depois de imporem o encerramento aos outros, se abocanham com a venda de papéis pintados e outras artimanhas. Tam pouco nos preocupa o facto de os lojistas terem imposto aos industriais—que não perderam tudo—produzindo—a condição de abandonarem as suas oficinas, pois que esse facto é concorrente para uma maior abundância de trabalho quando a greve final. E, tam interessante, é esta luta, que a nossa vitória vai interessar seriamente aos nossos adversários. Que o ponderem: Acetando a prior das hipóteses, aliás inadmissíveis, de sermos derrotados, aliás dos nossos patrões.

# A BATALHA no Porto

## CRÓNICA

A não ser uns casos de bombas, a vida da cidade decorre insipidamente — Uns comentários a um dito... democrático...

A vida desta cidade decorre actualmente numa insípida melancolia. Depois do entusiasmo que convulsionou a população interessada no raid aéreo de Sacadura e Coutinho, do qual se querem aproveitar para espécies de todo, inclusivo a do mercantilismo, nadá hão que nos prenda a atenção com visível anciade ou estuante admiração.

E certo que houve uns casos de bombas, uma das quais matou, horrivelmente, o seu autor, no momento em que procedia ao seu funesto fabrico, na travessa do Anjo da Guarda. Segundo um jornal, Carlos Pinto, a vítima da sua própria levianidade, confessou, a um chefe de polícia, que o fôra interrogar ao hospital, que era republicano e bem conhecido. Atribuiu esta declaração ao seu estado febril e disse que era bolchevista ou sindicalista, imediatamente era acreditado e ninguém olharia ao grau de febre que o consumiu e o delirava. Como, esfuzeladamente, entrou no Pantheon da morte, o mistério da aplicação do petardo encerrou-se nas quatro taboas do esqueleto do malogrado bombista.

Os religiosos, atendendo ao local do desastre, estão na suposição de que se tratou dum castigo divino, cumprindo o anjo o seu papel de desviar os mal-intencionados.

As outras duas bombas que afroaram no burgo desempenharam a sua trágica missão à porta dum depósito de gasonina, contigo a uma oficina tipográfica. Parcialmente, os tipógrafos estão em greve. E como se dê a coincidência dos operários da referida oficina se encontrares também em luta, logo as hipóteses incidiram para os grevistas, que, por ilusão de óptica, colocaram mais abertos que devia ser mais acima. Não estamos habilitados a fazer afirmações ou publicar desmentidos. Como, porém, conhecemos muito bem a psicologia da classe tipográfica portuguesa, custa-nos a crer que dela partisse os explosivos. Os tipógrafos tem um temperamento excessivamente pacífico, no tocante a gestos de força. Que entre elas vai haver um pouco de luxúria da necessidade da transformação da sociedade, isso é um facto.

Mas o maior propagandista desta ideia de emancipação humana está na sua situação miserável que arrastam e na deprimente tirania a que os sujeitam. Contudo, ainda o seu Revolucionarismo não chegou a um ponto que os levasse a perfilar as teorias revanchistas do exaltado sr. António J. de Almeida de outros tempos. Eles, não querendo atirar as ofícias pelo ar, ainda mal tateiam nas lutas pró-avento de salário e é até a primeira vez que se vê um punhado de tipógrafos a oferecer uma certa resistência legal, de cruzada de braços, aos caprichosos intentos patronais. E um revolucionarismo tolstoiano resistência pacífica, deixando de fazer uma coisa que não esti de harmonia com a razão nem com a sua

consciência. Logo, pois, é um revolucionário evangélico, cristão, embora os religiosos, os cristãos, em tempos passados, por vezes usassem das carinholas tremendas para reivindicarem as suas crenças e a sua hegemonia. S. Bartolomeu, Beziers, Aly, Marsela, Avinhão, etc.

Já que falamos no péssimo sistema das bombas, devemos salientar que nos meios operários causou uma má impressão o facto de um congresso democrático propor para que, por cinco anos, seja suspensa a lei das oito horas, para que os trabalhadores tenham mais tempo para fazer bombas. E natural: embora o proletariado citadino por completo se desinteresse pelos congressos partidários, não deixou, todavia, de ter conhecimento da insinuação de tam prestimoso democrático.

Alguém, mais curioso, aviu entre a reportagem, e apressadamente a buzinou. Os comentários foram diversos, uns ironicos, outros mais sérios. E entre os protestos-comentários, evidenciou-se logo a inclinação para a remoção de factos transactos, em que os grupos democráticos fartamente aplicaram aquele combustível contra os monárquicos e conspiradores e partidos contrários; em que os republicanos-quinquagénios, ensinando o operariado a fabricar petardos, se serviam déles e daqueles para preparar o golpe. Feita bem a história dos acontecimentos desenvolvidos e esmalfadas bem as responsabilidades, veremos que o quociente da divisão é muitíssimo, incomparavelmente maior para o democratismo, o qual, afinal, é considerado o maior inimigo das classes trabalhadoras.

Merch desse quociente, é que existe uma aluvião respeitável de reconhecidos revolucionários civis pensionados pelo Estado, que podiam muito bem contribuir para que a produção obreira fosse maior... no deseo do tal congressista que talvez viva parasitando. Enfim, o operariado organizado repudia a tória insinuação de que os trabalhadores defendem o regime das oito horas para ter mais tempo de fabricar bombas. Que, se tal fizessem, cumpririam o aconselhado de outros tempos...

Tirando isto, que pouco representa para a vida da terra e para a questão social, nada mais existe de grande novidade. As greves parciais, arrastaram-se e prolongaram-se, quasi que se não dando por elas. Os gêneros encareceram sucessivamente, na ânsia de se conseguir fortunas que facilitem deixar dozes até à quinquagésima geração; a população faminta e explorada, insensivelmente prosegue na sua rotina do laisser-faire, a política, de olhos fitos nas escaramuças do congresso de Coimbra, está um pouco queda; e o novo chefe do distrito continua, na repetição da impostura e praxista farça, a receber cumprimentos da gente corregional e grada deste interessante burgo.

E espantar o tédio que amorrou esta grande aldeia só temos o bom tempo que está a fazer e que os ricos gozam deliciosamente... Estamos no melhor dos mundos possíveis e imagináveis... 23 de Abril. C. V. S.

## Propaganda sindical

### Manufactores de calçado de Braga

BRAGA, 24.—Tendo a Federação de Indústria de Calçado, Couros e Peles enviado a esta cidade, em missão de propaganda, dois membros do comité federal do Norte, a classe que este sindicato representa está já sentindo os efeitos benéficos da sua ação aqui desenvolvida.

Esses camaradas, logo que chegaram, deram a primeira reunião ontem mesmo, demonstrando a necessidade que havia em fazer elevar aqui os preços de mão de obra, já para atender à sempre crescente carestia da vida, já para não prejudicar os nossos camaradas do Pórtico, pois que acabam de conquistar aos respectivos industriais um aumento nos preços de mão de obra, tanto mais que é sabido que os industriais do Pórtico, sempre que a disparidade de preços existentes entre os operários daquela cidade e os de Braga lho permite, mandam executar a obra aquí, prejudicando desmaneira os nossos camaradas do Pórtico.

Depois dos delegados federais defederem com calor esta necessidade, foi aprovado por todos a assembleia que era numerosíssima a elaboração de uma tabela de reclamações para apresentar aos respectivos industriais.

Passou-se imediatamente à nomeação da comissão elaboradora da tabela, exigindo a assembleia que essa comissão apresentasse o seu trabalho no dia seguinte à sanção dessa assembleia, que se realizou hoje às dez horas. Exigido este assunto, os delegados federais fizeram sentir à assembleia as vantagens que os operários têm em organizar-se nos seus sindicatos, terminando esta sessão no meio do maior entusiasmo.

Hoje realizou-se à hora acima indicada, a segunda reunião, que principiou por ser apresentada à assembleia a tabela de reclamação elaborada pela comissão nomeada. Depois de devidamente discutida, foi pela assembleia aprovada, dando aos industriais um prazo para atender a reclamação.

Nessa peça, que é original de Xavier de Magalhães e Lourenço Rodrigues, interpreta a gentil e graciosa actriz Lina Demelo cinco papéis, que são: O Pecado, O Aperitivo, Miroir des Modes, Majas e Fox-trot.

Além da estréia da peça Nômade da Amora, a festa de Mamedo e Brito, marcada para sexta-feira, no Politeama, apresenta ainda mais atrações, sendo uma delas a "réprise" da Lettura e escripta, a delicada obra dos Quinteto, representada pela grande actriz Lucinda Simões e Brunilde Júdice Caruson. A récita é dedicada ao Portugal Club, e no programa figura também um sensacional acto de variedades, dirigido por André Brun.

No dia de 6.º feira não faltará concorrência no Politeama a festear Macedo e Brito, o infatigável administrador da Companhia Lucília Simões, que tanto se faz apreciar pelas suas belas qualidades.

Fizeram um grande sucesso, com

— Fizeram um grande sucesso, com

que a assembleia fez.

Os delegados dirigem um apelo a todos os camaradas presentes para que lá fora façam a máxima propaganda do sindicato, demonstrando a vantagem que disso lhes adviria. Em seguida fazem uma exposição do que são os concelhos de freguesias, afirmando que para o bom andamento progressivo do Sindicato, é preciso organizá-lo desde já tendo-se na mesma assembleia iniciado os trabalhos nesse sentido. Em virtude dos delegados se terem de retirar para Guimarães, foi a sessão encerrada em 14 horas, aos vivas à organização operária e C. G. T.

— Fizeram um grande sucesso, com

que a assembleia fez.

Curiosidade feminina

João Bento, de 28 anos, trabalhador, casado com Adelina da Conceição, de 23, naturais de Cadaval e residentes no lugar do Charcos do mesmo concelho, foi anteontem com outros trabalhadores para uma propriedade próxima, pertencente a um seu irmão, António Bento, a fim de destruir uma pedreira ali existente para no mesmo local ser edificado um prédio.

Terminado o trabalho, recolheu o João a casa e como lhe restasse duas espoletas de dinamite guardou-as num dos bolsos do casaco. Outen de manhã saiu o Bento de casa a fim de recomendar a sua faina, mas como tivesse levado vestido um outro casaco não se lembrava das espoletas dando isto motivo, que a Adelina ao limpar o falso que o marido deixara, as encontrasse, acabando por escarranciar uma delas que explodiu esmagando-lhe uma das mãos.

Acudiram vários vizinhos que a transporaram para o Cadaval, onde receberam o primeiro curativo sendo depois removida para o hospital de São José, onde depois de operada pelos cirurgiões de serviço srs. Medeiros de Almeida e Santos Paiva, recolheu a sala de observações.

— Fizeram um grande sucesso, com

que a assembleia fez.

mente levado à prática com o seu consentimento.

Não devia ser, sr. Sousa, antes que tivessem pelo vosso lado todas as razões existentes no universo, despejarem violentemente (o sr. que tanto condenava

as violências como teve ocasião de nos dizer por ocasião da massa greve ferroviária a propósito do célebre vagão fantasma, lembra-se) do seu modo de vida um homem, sem que lhe dessem tempo para procurar um outro local para onde ir. Mas estes raciocínios sóram erólicos e admissíveis, para o sr., no tempo em que ontem connosco, pobre escravo do hediondo capitalismo, sofrendo as mesmas necessidades monetárias, e não hoje em que os seus bolsos quase se rompem ao peso da sua recheada carteira.

— Fizeram um grande sucesso, com

que a assembleia fez.

Acudiram vários vizinhos que a transporaram para o Cadaval, onde receberam o primeiro curativo sendo depois removida para o hospital de São José, onde depois de operada pelos cirurgiões de serviço srs. Medeiros de Almeida e Santos Paiva, recolheu a sala de observações.

— Fizeram um grande sucesso, com

que a assembleia fez.

— Fizeram um grande sucesso, com

que a assembleia fez.

— Fizeram um grande sucesso, com

que a assembleia fez.

— Fizeram um grande sucesso, com

que a assembleia fez.

— Fizeram um grande sucesso, com

que a assembleia fez.

— Fizeram um grande sucesso, com

que a assembleia fez.

— Fizeram um grande sucesso, com

que a assembleia fez.

— Fizeram um grande sucesso, com

que a assembleia fez.

— Fizeram um grande sucesso, com

que a assembleia fez.

— Fizeram um grande sucesso, com

que a assembleia fez.

— Fizeram um grande sucesso, com

que a assembleia fez.

— Fizeram um grande sucesso, com

que a assembleia fez.

— Fizeram um grande sucesso, com

que a assembleia fez.

— Fizeram um grande sucesso, com

que a assembleia fez.

— Fizeram um grande sucesso, com

que a assembleia fez.

— Fizeram um grande sucesso, com

que a assembleia fez.

— Fizeram um grande sucesso, com

que a assembleia fez.

— Fizeram um grande sucesso, com

que a assembleia fez.

— Fizeram um grande sucesso, com

que a assembleia fez.

— Fizeram um grande sucesso, com

que a assembleia fez.

— Fizeram um grande sucesso, com

que a assembleia fez.

— Fizeram um grande sucesso, com

que a assembleia fez.

— Fizeram um grande sucesso, com

que a assembleia fez.

— Fizeram um grande sucesso, com

que a assembleia fez.

— Fizeram um grande sucesso, com

que a assembleia fez.

— Fizeram um grande sucesso, com

que a assembleia fez.

— Fizeram um grande sucesso, com

que a assembleia fez.

— Fizeram um grande sucesso, com

que a assembleia fez.

— Fizeram um grande sucesso, com

que a assembleia fez.

— Fizeram um grande sucesso, com

que a assembleia fez.

— Fizeram um grande sucesso, com

que a assembleia fez.

— Fizeram um grande sucesso, com

que a assembleia fez.

— Fizeram um grande sucesso, com

que a assembleia fez.

— Fizeram um grande sucesso, com

que a assembleia fez.

— Fizeram um grande sucesso, com

que a assembleia fez.

— Fizeram um grande sucesso, com

que a assembleia fez.

— Fizeram um grande sucesso, com

# Serviço de livraria

# A BATALHA

## Calçado

Procurem como quiserem: na  
Sapataria do Calhariz

vende-se tudo isso muito mais barato.

Há alguém que venda botas de superior calf preto ou de cér. a.

**20\$00?**

Botas da moda com 2 solas corridas, salto razo. a.

**31\$50?**

Botas de calf preto com 2 ponteados, resistente a fogo o tempo a . . .

**31\$00?**

Sapatos de superior calf preto para senhora, a . . .

**11\$00?**

Sapatos de verniz desde . . .

**16\$00?**

Etc., etc., etc.?

Há, mas só na

Sapataria do Calhariz

Verifiquem que não perdem com isso.

33, Largo do Calhariz, 33

Nicolau Gomes Correa

ALFAIADE-MERCADOR

Grande sortido de lanifícios para homem e senhora, comprados directamente nas fábricas, o que lhe permite vender mais barato.

Grande variedade de sobretudos e capas à alemitjana. Casacosparasenhora, já confeccionados.

— AVIAIMENTOS —

PARA ALFAIADES

dona das Fanqueiros, 255 —

**Queréis** o vosso relógio concerto com garantia e por preço módico?

Laveo-o

**33 de S.º André**  
actualmente

Largo Rodrigues de Freitas, 33  
(em frente do chafariz)

OFICINA DE RELOJOEIRO  
E OURIVES

DE ALVES D'ANDRADE, L. da

**A Nouela Vermelha**

Publicação literária mensal

COLABORADORES:

Manuel Ribeiro; Mário Domingues; Aquilino Ribeiro; Nogueira de Brito; Sobral de Campos; Augusto Machado; Perfeito de Carvalho; Cristiano Lima; Bento Faria; José Benedito; Gonçalves Correia; Julião Quintinha, e outros

Publicador:

N.º 1 — A Expiação — por Manuel Ribeiro.

N.º 2 — Sangue Fidalgo — por Nogueira de Brito.

N.º 3 — Hugo, o pintor — por Mário Domingues.

N.º 4 — Dois tiros — por Sobral de Campos.

N.º 5 — Impossível redenção — por Augusto Machado.

N.º 6 — A Escola de Nun'Alvares — por Cristiano Lima.

N.º 7 — Anastácio José — por Mário Domingues.

N.º 8 — A Ciência Redentora — por José Benedito.

N.º 9 — O mestre geral — por Jesus Peixoto.

N.º 10 — Dor Vitoriosa — por Julião Quintinha.

Preço por número \$25  
Assinatura, série de 10 números \$250 pagamento adiantado.

Locais de venda

Lisboa: quiosques, tabacarias e livrarias. Pôrto: redacção de A Comuna. Coimbra: Livraria Lumen, Tabacaria Patria, e em casa de Manuel Bernardo Ferreira, terreiro da Erva. Outras localidades nos agentes de A Batalha.

TRABALHADORES, LÉDE

A NOVELA VERMELHA

# FORMIOL

TONICO MUSCULAR

REGISTADO



## BREVEMENTE

Inauguração da Seção de Calçado

NA

Havaneza do Sacramento

Rua do Sacramento, 19 e 21 (Alcântara)

O proprietário desta casa, António de Sá Junor, que é um dos muitos amigos de A Batalha, aconselha o povo a procurar os seus estabelecimentos, pois que se encontra na disposição de combater os assaltadores.

As trabalhadoras organizadas, mediante apresentação da cédula sindical, far-se-á um desconto de 5,00, e mais 1,00 para os cooperados.

Às cooperadoras que se tornem responsáveis pelo pagamento dos seus sócios, no prazo de 6 meses, far-se-á os seguintes descontos:

5,00 para a cooperativa

3,00 para o sócio

1,00 para A Batalha

N.º B. — O fornecimento a 6 meses, por enquadro, só se referir ao calçado.

Comprando em 5 meses, tem desconto de 5,00 para a cooperativa e 1,00 para A Batalha.

Às cooperadoras que se tornem responsáveis pelo pagamento dos seus sócios, no prazo de 6 meses, far-se-á os seguintes descontos:

5,00 para a cooperativa

3,00 para o sócio

1,00 para A Batalha

N.º C. — Desinfetar profundamente as vias respiratórias, constituiendo o mais prático dos inhaladores:

1.º Usado pelas senhoras mais finas porque perfuma o hálito e evita a caridez.

2.º Usado pelas pessoas que tem de suportar desculpas duros dos descontos.

3.º Usado pelas pessoas idosas, pelas asthmáticas ou que sofrem de bronquites crónicos, porque limpando o pigarro abre o apêndice e permite-lhes respirar reparadores seguidos;

4.º Limpando o pigarro, combate a rouquidão, acalma a voz e fortalece as cordas vocais; por isso são usadas pelos que cantam ou falam em públicos;

5.º Desinfeta profundamente as vias respiratórias, constituindo o mais prático dos inhaladores:

2.º Usado pelas senhoras mais finas porque perfuma o hálito e evita a caridez.

3.º Usado pelas pessoas que tem de suportar desculpas duros dos descontos.

4.º Usado pelas pessoas idosas, pelas asthmáticas ou que sofrem de bronquites crónicos, porque limpando o pigarro abre o apêndice e permite-lhes respirar reparadores seguidos;

5.º Usado pelas pessoas idosas, pelas asthmáticas ou que sofrem de bronquites crónicos, porque limpando o pigarro abre o apêndice e permite-lhes respirar reparadores seguidos;

6.º Desinfeta profundamente as vias respiratórias, constituindo o mais prático dos inhaladores:

2.º Usado pelas senhoras mais finas porque perfuma o hálito e evita a caridez.

3.º Usado pelas pessoas idosas, pelas asthmáticas ou que sofrem de bronquites crónicos, porque limpando o pigarro abre o apêndice e permite-lhes respirar reparadores seguidos;

4.º Limpando o pigarro, combate a rouquidão, acalma a voz e fortalece as cordas vocais; por isso são usadas pelos que cantam ou falam em públicos;

5.º Desinfeta profundamente as vias respiratórias, constituindo o mais prático dos inhaladores:

2.º Usado pelas senhoras mais finas porque perfuma o hálito e evita a caridez.

3.º Usado pelas pessoas idosas, pelas asthmáticas ou que sofrem de bronquites crónicos, porque limpando o pigarro abre o apêndice e permite-lhes respirar reparadores seguidos;

4.º Usado pelas pessoas idosas, pelas asthmáticas ou que sofrem de bronquites crónicos, porque limpando o pigarro abre o apêndice e permite-lhes respirar reparadores seguidos;

5.º Usado pelas pessoas idosas, pelas asthmáticas ou que sofrem de bronquites crónicos, porque limpando o pigarro abre o apêndice e permite-lhes respirar reparadores seguidos;

6.º Desinfeta profundamente as vias respiratórias, constituindo o mais prático dos inhaladores:

2.º Usado pelas senhoras mais finas porque perfuma o hálito e evita a caridez.

3.º Usado pelas pessoas idosas, pelas asthmáticas ou que sofrem de bronquites crónicos, porque limpando o pigarro abre o apêndice e permite-lhes respirar reparadores seguidos;

4.º Limpando o pigarro, combate a rouquidão, acalma a voz e fortalece as cordas vocais; por isso são usadas pelos que cantam ou falam em públicos;

5.º Desinfeta profundamente as vias respiratórias, constituindo o mais prático dos inhaladores:

2.º Usado pelas senhoras mais finas porque perfuma o hálito e evita a caridez.

3.º Usado pelas pessoas idosas, pelas asthmáticas ou que sofrem de bronquites crónicos, porque limpando o pigarro abre o apêndice e permite-lhes respirar reparadores seguidos;

4.º Usado pelas pessoas idosas, pelas asthmáticas ou que sofrem de bronquites crónicos, porque limpando o pigarro abre o apêndice e permite-lhes respirar reparadores seguidos;

5.º Usado pelas pessoas idosas, pelas asthmáticas ou que sofrem de bronquites crónicos, porque limpando o pigarro abre o apêndice e permite-lhes respirar reparadores seguidos;

6.º Desinfeta profundamente as vias respiratórias, constituindo o mais prático dos inhaladores:

2.º Usado pelas senhoras mais finas porque perfuma o hálito e evita a caridez.

3.º Usado pelas pessoas idosas, pelas asthmáticas ou que sofrem de bronquites crónicos, porque limpando o pigarro abre o apêndice e permite-lhes respirar reparadores seguidos;

4.º Limpando o pigarro, combate a rouquidão, acalma a voz e fortalece as cordas vocais; por isso são usadas pelos que cantam ou falam em públicos;

5.º Desinfeta profundamente as vias respiratórias, constituindo o mais prático dos inhaladores:

2.º Usado pelas senhoras mais finas porque perfuma o hálito e evita a caridez.

3.º Usado pelas pessoas idosas, pelas asthmáticas ou que sofrem de bronquites crónicos, porque limpando o pigarro abre o apêndice e permite-lhes respirar reparadores seguidos;

4.º Usado pelas pessoas idosas, pelas asthmáticas ou que sofrem de bronquites crónicos, porque limpando o pigarro abre o apêndice e permite-lhes respirar reparadores seguidos;

5.º Usado pelas pessoas idosas, pelas asthmáticas ou que sofrem de bronquites crónicos, porque limpando o pigarro abre o apêndice e permite-lhes respirar reparadores seguidos;

6.º Desinfeta profundamente as vias respiratórias, constituindo o mais prático dos inhaladores:

2.º Usado pelas senhoras mais finas porque perfuma o hálito e evita a caridez.

3.º Usado pelas pessoas idosas, pelas asthmáticas ou que sofrem de bronquites crónicos, porque limpando o pigarro abre o apêndice e permite-lhes respirar reparadores seguidos;

4.º Limpando o pigarro, combate a rouquidão, acalma a voz e fortalece as cordas vocais; por isso são usadas pelos que cantam ou falam em públicos;

5.º Desinfeta profundamente as vias respiratórias, constituindo o mais prático dos inhaladores:

2.º Usado pelas senhoras mais finas porque perfuma o hálito e evita a caridez.

3.º Usado pelas pessoas idosas, pelas asthmáticas ou que sofrem de bronquites crónicos, porque limpando o pigarro abre o apêndice e permite-lhes respirar reparadores seguidos;

4.º Usado pelas pessoas idosas, pelas asthmáticas ou que sofrem de bronquites crónicos, porque limpando o pigarro abre o apêndice e permite-lhes respirar reparadores seguidos;

5.º Usado pelas pessoas idosas, pelas asthmáticas ou que sofrem de bronquites crónicos, porque limpando o pigarro abre o apêndice e permite-lhes respirar reparadores seguidos;

6.º Desinfeta profundamente as vias respiratórias, constituindo o mais prático dos inhaladores:

2.º Usado pelas senhoras mais finas porque perfuma o hálito e evita a caridez.

3.º Usado pelas pessoas idosas, pelas asthmáticas ou que sofrem de bronquites crónicos, porque limpando o pigarro abre o apêndice e permite-lhes respirar reparadores seguidos;

4.º Limpando o pigarro, combate a rouquidão, acalma a voz e fortalece as cordas vocais; por isso são usadas pelos que cantam ou falam em públicos;

5.º Desinfeta profundamente as vias respiratórias, constituindo o mais prático dos inhaladores:

2.º Usado pelas senhoras mais finas porque perfuma o hálito e evita a caridez.

3.º Usado pelas pessoas idosas, pelas asthmáticas ou que sofrem de bronquites crónicos, porque limpando o pigarro abre o apêndice e permite-lhes respirar reparadores seguidos;

4.º Usado pelas pessoas idosas, pelas asthmáticas ou que sofrem de bronquites crónicos, porque limpando o pigarro abre o apêndice e permite-lhes respirar reparadores seguidos;

5.º Usado pelas pessoas idosas, pelas asthmáticas ou que sofrem